

## Imigrantes Hispano-Americanos no Brasil: Língua, Cultura e Identidades

*Inmigrantes Hispanoamericanos en Brasil: Lengua, Cultura e Identidades*

*Hispano-American Immigrants in Brasil: Language, Culture and Identities*

Rubens Lacerda de Sá<sup>1</sup>

### Resumo

O trinômio que alicerça o subtítulo deste ensaio está circunscrito e intrinsecamente relacionado com meu interesse de pesquisa: imigrantes hispano-americanos no Brasil e mais especificamente os imigrantes bolivianos que chegam a São Paulo. Esses passam por um processo de (des)fragmentação de sua identidade e de (in)visibilidade social levada a termo especialmente através da língua(gem) (SÁ, 2015). Logo, ressalto que este ensaio é fruto de reflexões oriundas de uma pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Posto isto, destaco que meu almejo é fazer uma sucinta incursão nessa temática ao longo deste texto tendo a questão do acolhimento por um viés interculturalista como pano de fundo.

*Palavras-chave:* Cultura; Hispano-americanos; Identidades; Imigrantes; Língua.

### Resumen

El trinomio que sustenta el subtítulo de este ensayo está circunscrito e intrínsecamente relacionado con mi interés de investigación: inmigrantes hispanoamericanos en Brasil y más específicamente los inmigrantes bolivianos que llegan a São Paulo. Estos pasan por un proceso de (des)fragmentación de su identidad y de (in)visibilidad social que se lleva a cabo especialmente a través de la lengua (SÁ, 2015). Por lo tanto, hago hincapié que se tratan de reflexiones primigenias de una investigación desarrollada en el Programa de Post-Graduación en Lingüística de la Universidad de Brasilia. Por eso, quisiera incursionarme sucintamente en esta temática a lo largo del texto teniendo como telón de fondo el tema de la acogida por un sesgo interculturalista.

*Palabras claves:* Cultura; Hispanoamericanos; Identidades; Inmigrantes; Lengua.

### Abstract

The trinomial that underlies the subtitle of this essay is circumscribed and intrinsically related to my research interest: Hispano-American immigrants in Brazil and more specifically the Bolivian immigrants who arrive in São Paulo. They go through a process of (de)fragmentation of their identity and social (in)visibility carried out especially through the language (SÁ, 2015). Therefore, I highlight that this essay is the result of personal reflections from a research carried out within the Postgraduate Program in Linguistics of the University of Brasilia. Having said this, I emphasize that my ultimate goal is to make a brief incursion into this theme throughout this text having the hospitality by an interculturalist view as the background.

*Keywords:* Culture, Hispano-American; Identities; Immigrants; Language.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística Aplicada (UNICAMP). Professor Assistente do Departamento de Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Lavras, MG, Brasil. E-mail: [rubens.ladesa@gmail.com](mailto:rubens.ladesa@gmail.com).

**Pra começo de conversa,** seria muito bom se ...

*“Sem horas e sem dores,  
Que nesse momento que cada um se encontra aqui e agora,  
Um possa se encontrar no outro,  
E o outro no um ...  
Até porque, tem horas que a gente se pergunta:  
Por que é que não se junta  
Tudo numa coisa só?”*

**Sintaxe à Vontade  
— O Teatro Mágico.**

Como asseverei em outro texto (2015, p. 59): “Ecoa em minha mente a indagação, a inquietação do grupo O Teatro Mágico: ‘*Por que é que, sem horas e sem dores, um não se encontra no outro e o outro no um [e] não se junta tudo numa coisa só?*’”. Quando penso que o trinômio a que me referi no resumo de abertura: língua, cultura e identidade pode (ou deve?) “se encontrar no outro e o outro no um e se juntar tudo numa coisa só”, isso me leva a pensar que, nesse caso, o acolhimento e a inclusão social dos imigrantes hispano-americanos em nosso país, desejavelmente, ocorreria “sem horas [ou muitas delongas] e sem dores”.

E isso urge!

Stuart Hall, Franz Fanon, Kathryn Woodward, Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Norbert Elias, Judith Butler e outros e outros e mais tantos outros que não me lembrei de citar (permito-me aqui um *brainstorming* sem compromissos epistemológicos) aborda(ra)m, direta ou indiretamente, a essência do que brevemente trago à baila neste ensaio.

Destarte, é pensando no embate, na transitoriedade e na assimetria das relações sociais envolvendo os imigrantes em tela que apresento algumas reflexões deste ensaio ao leitor. Essas, são alinhavadas ao trinômio em pauta e à sua interrelação e influência no processo de (des)fragmentação identitária e de (in)visibilidade social desses imigrantes. Quiçá tais ponderações instiguem novos olhares sobre essa temática e engendrem novos textos.

*Je souhaite une agréable lecture à tous!*

## 1. Língua

“Who is to say that robbing  
a people of its **language** is less violent than war?”

— Ray Gwyn Smith<sup>2</sup>

O fluxo imigratório é um fenômeno que se intensifica e se diversifica ao passo que novos contornos econômicos, sociais, culturais e políticos vão sendo desenhados no mundo moderno. Segundo dados recentes, noticiados em 20 de junho de 2016, da Organização das Nações Unidas há no mundo cerca de 65,3 milhões de deslocados<sup>3</sup>. A maioria o é contra sua própria vontade, pois são submetidos a tal situação devido as condições de (sobre)vivência em sua terra natal. Essa, e outras, dinâmicas de deslocamento passam a afetar agora pessoas de diferentes, e às vezes inesperadas, partes do mundo o que constitui um desafio e um problema dada a velocidade, a complexidade e a fluidez das mudanças no cenário internacional. Isto passa a exigir tanto dos imigrantes como dos nacionais que os acolhem um esforço de adaptação e partilha de costumes, hábitos culturais, valores e língua, o que muitas vezes não ocorre de maneira suave.

Nesse cenário, encontra-se imbricado o Brasil ao ser, doravante, considerado um destino almejado por imigrantes de diferentes partes do mundo, sobretudo pelos hispano-americanos por conta da vizinhança geográfica. Esses veem desmoronar a estabilidade econômica e a segurança antes oferecida por seus países de origem e passam a ver o Brasil como seu eldorado ou, o que poderia ser considerado, o seu “Brazilian Dream”, em imitação ao imaginado pelo historiador americano James Truslow Adams (1931).

Trata-se de um tema relevante, pois em um cenário de globalização e centralização de fluxos de capital que tem redesenhado o fenômeno imigratório internacional, é imperativo que nossa sociedade esteja preparada para receber a tais imigrantes. Segundo dados estatísticos da Polícia Federal de março de 2015<sup>4</sup>, o Brasil abriga 1.847.274 imigrantes: 1.189.947 são residentes permanentes, 595.800 são imigrantes temporários, 45.404 tem um visto provisórios, 11.230 estão na região de fronteiras, 4.842 estão na condição de refugiados e 51 de asilados. Dentre estes, temos cerca de 339.376 imigrantes hispano-americanos em situação legal no país. Essa cifra poder saltar para uns 783.956, se considerarmos que somente os

<sup>2</sup> Moorland is cold country. *Unpublished manuscript*. <http://www.raygwyn.com/index.html>. Acesso em 09/08/16.

<sup>3</sup> <http://www.unhcr.org/uk/figures-at-a-glance.html>. Acesso em 09/08/16.

<sup>4</sup> <http://www.pf.gov.br/imprensa/estatistica>. Acesso em 09/08/16.

imigrantes bolivianos podem ultrapassar mais de meio milhão de imigrantes no Brasil, segundo dados da Polícia Federal e estimativas do consulado boliviano.

A sociedade brasileira é culturalmente híbrida, plurilíngue e oblíqua, para parafrasear Garcia Canclini (2015), e seu tecido social tem sido historicamente costurado por imigrantes. Portanto, seria somente natural, e relativamente óbvio desde um ponto de vista ontológico, esperar que os mesmos recebessem um trato social verdadeiramente inclusivo e igualitário balizado nos direitos de universalidade/individualidade e despojado de paradigmas excludentes. Paradigmas estes, preconizados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Entretanto, na contemporaneidade, grande parte dos grupos, pensando tanto no coletivo como em indivíduos, de imigrantes hispano-americanos não têm encontrado, com tanta facilidade, espaços para transitar na sociedade brasileira. Por transitar, não me refiro ao acesso às camadas mais altas da sociedade, mas aos serviços básicos que devem estar disponíveis a todos os cidadãos: aos nacionais e aos imigrantes. Tal acesso deveria possibilitar a valorização da dignidade humana, a constituição de sua identidade (bi)nacional sem que uma seja sobrepujada pela outra, conforme já considerei em outros textos (SÁ, 2014; 2015). Além disso, deveriam ter respeitados seus hábitos culturais e uso de sua língua nacional sem nenhum tipo de prejuízo na nação que os acolhe. Não deveriam ser submetidos a um processo de substituição coercitiva, na maioria das vezes de forma velada, de sua identidade, língua e cultura maternas pelas do Brasil.

Abordando inicialmente a questão da língua, penso que os imigrantes hispano-americanos que chegam ao Brasil deveriam ser instrumentalizados, criticamente, para o uso do português brasileiro<sup>5</sup> para que possam encontrar pontos de intersecção cultural em que a língua e a cultura do Brasil sejam acrescidas às suas e contribuam para a sua identidade (bi)nacional. Abro um parêntesis aqui para esclarecer que concebo tal instrumentalização desde um ponto de vista filosófico-pragmático tal como propôs Dewey (2007), ou seja, oferecer aos imigrantes um cabedal de ferramentas que possibilitem ações que, por sua vez, permitiriam a transformação de sua experiência intra-continental. Desta forma, poderão atuar como protagonistas e atores sociais livres de todo e qualquer tipo e nível de exclusão, racismo, discriminação e ações xenofóbicas. Serão devidamente acolhidos e conduzidos em

---

<sup>5</sup> Embora reconheça que o Brasil possui umas duas centenas de línguas maternas, assumo neste texto que os imigrantes precisam ser competentes prioritariamente no português brasileiro. Opto por denominá-lo assim, pois entendo que o português falado no Brasil tem marcas próprias e exclusivas da língua que falamos aqui. Ademais, quero indicar que esta é tanto meu interesse de pesquisa como posicionamento em termos de política linguística.

um processo de formação integral como cidadãos que lhes propiciará, em última instância, um sentimento confortável de dupla pertença: a de origem e a brasileira.

Assumo aqui que os imigrantes hispano-americanos no Brasil vivem em uma mescla de alegrias e de privações sofridas (ROJO, 2006) no cenário móvel e multilíngue que constitui o mundo moderno. Neste cenário, passa a ser necessária uma certa (re)combinação identitária produzida por múltiplos fenômenos comunicativos e linguísticos que lhes permitirá trocas culturais equânimes ao interagirem com o meio social em que estão inseridos (JACQUEMET, 2005).

Assim, é neste contexto que entendo que os imigrantes hispano-americanos devem ser capacitados para o uso competente do português brasileiro, qual língua da nação acolhedora, para que possam participar democraticamente das práticas sociais locais. Pensando por este viés, vejo como pertinente a afirmação de Jaffe (2012):

Democratic/participatory citizenship emphasizes people's rights and obligations to participate in the economic, social and political life of the communities to which they belong, from the local to the supranational levels and to recognize the rights of culturally and linguistically diverse groups within those communities (p. 85).

Para atingir tal objetivo, o da cidadania democrática e participativa, ser competente no uso do português brasileiro é condição *sine qua non* para os imigrantes hispano-americanos no Brasil. E acrescento que é ainda neste contexto que, ao meu ver, as ideologias relacionadas ao aspecto (meta)pragmático da(s) língua(s) estão intimamente relacionadas aos conceitos de cultura e identidade (bi)nacional dos mesmos (BLOMMAERT, 2006).

Portanto, a língua passa a operar, ou não, no caso dos imigrantes hispano-americanos no Brasil, como um fator de inclusão e ou de exclusão social. Ingrid Piller (2012), ao abordar a relação entre o multilinguismo, inclusão social e imigração destaca que estes estão imbricados em um processo mais amplo, ou seja, o derradeiro objetivo dos imigrantes é a busca pelo bem-estar econômico. Tal busca é necessária visto que a dinâmica da globalização erodiu a capacidade dos estados-nação desses imigrantes em serem agentes eficazes de desenvolvimento sócio-econômico.

Concordo com a relação estabelecida pela autora acima, pois em um cenário multilíngue, como é o caso em que se encontram os imigrantes hispano-americanos no Brasil, a competência na língua do país acolhedor pode servir como fator de inclusão e ou exclusão social. Esse conceito converge com o entendimento de Bourdieu (1998, p. 42) sobre competência linguística:

A competência suficiente para produzir frases suscetíveis de serem compreendidas pode ser inteiramente insuficiente para produzir frases suscetíveis de serem escutadas, frases aptas a serem reconhecidas como admissíveis em quaisquer situações nas quais se pode falar (...) **Os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio.** Por conseguinte, o que é raro não é a capacidade de falar, inscrita no patrimônio, universal e, portanto, essencialmente não distintiva, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima que, por depender do patrimônio social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção (grifo acrescentado).

No excerto acima, Bourdieu salienta a relação entre língua e sociedade ao abordar o tema da competência linguística, que ele nomina de legítima, necessária para o trânsito/inclusão social e o não silenciamento. Calvet (2002) aborda a superação da herança estruturalista e formal no campo da língua(gem) nos mesmos termos propostos por Bourdieu. Ecoo a ambos, pois em minha percepção os imigrantes hispano-americanos no Brasil precisam de tal competência no português brasileiro com o fito de superar os desníveis sociais em que, na maioria das vezes e dos casos, se encontram.

Em síntese, penso que com a realização do acima os imigrantes hispano-americanos terão a possibilidade do desenvolvimento de um sentimento de acolhimento e dupla pertença, concretizado por meio de múltiplas realizações linguísticas no português brasileiro à medida que interagem com os nacionais e se enriquecem mutuamente em uma convivência harmoniosa e livre de conflitos.

## 2. Cultura

“Soy la sinergia de dos **culturas** con varios grados.

Yo he internalizado a tal grado el conflicto de la frontera que a veces siento que uno cancela al otro y somos cero, nada, nadie.

*A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy”.*

— Gloria Anzaldúa<sup>6</sup>

Outro pilar que deve sustentar e suavizar a estada dos imigrantes hispano-americanos relaciona-se com a (con)vivência cultural. Visto que há um, inevitável, contato cultural bastante intenso entre o imigrante e o país que o acolhe, esse deve ser em uma perspectiva de interação, de trocas equitativas, de reciprocidade entre os que aqui estão e os que chegam. Essas devem acontecer por viés crítico. Para o adjetivo crítico, aproprio-me do conceito

---

<sup>6</sup> Como domar una lengua salvaje. In: **Voces sin fronteras**, Cristina García. Nueva York: Vintage Books, 2007.

proposto pela engenharia nuclear quando essa se refere a “qualquer sistema ou processo em que se opera uma reação em cadeia com um fator de multiplicação efetivo igual à unidade”, segundo definição do dicionário Aurélio (2011).

Pois bem, há nesta relação cultural dos imigrantes com os nacionais uma “reação em cadeia” que deveria produzir uma “multiplicação efetiva igual” ou equitativa. Entretanto, o que me preocupa é que, empiricamente, noto uma atribuição de ambivalência das relações de saber e de poder entre o imigrante hispano-americano e o nacional que o acolhe. Nessa relação os processos de subjetivação que se desenvolvem através dos estereótipos se interpõem. Prevalece então o discurso do que se arroga dominador, ou culturalmente superior e que, como aparato de poder, repudia as diferenças identitárias e culturais e busca legitimar tais relações de poder de forma assimétrica.

Portanto, retomo em Dewey (*op. cit.*), a questão da instrumentalização pragmática que visa a estabelecer e manter as relações culturais de modo crítico e praxiológico. Desse modo, a linguagem cultural contemplaria uma relação ambivalente interdisciplinar, autônoma, voltada para a transformação social, sem disparidades e resistências e, por fim, pautadas pela justiça e direitos sociais. Ou, como ressalta Bhabha (2013, p. 248), deve haver uma mudança:

(...) de uma ênfase epistemológica e acrítica para uma ênfase enunciativa, pois o epistemológico está preso dentro do círculo hermenêutico, na descrição de elementos culturais em sua tendência a uma totalização [ao passo que] o enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais — subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural.

O que propõe Homi Bhabha encontra eco em Gloria Anzaldúa (2012), na obra “Borderlands/La Frontera: The New Mestiza”, quando essa desenvolve sua noção de consciência mestiça articulando-a ao conceito de fronteira. Para ela, a consciência mestiça implica consciência da fronteira que, em vez de transmitir uma ideia de limites e rigidez, é problematizado por ela e é assumido como um local onde há fluidez e hibridização de culturas (GARCIA CANCLINI, 2008). Entretanto, tais conceitos não se referem a ideia de harmonização, uniformização; antes, de uma situação em que dois ou mais povos entram em contato e geram, assim, uma nova visão cultural.

Pois bem, entendo eu que no caso de diferentes imigrantes hispano-americanos, com suas múltiplas visões de mundo e percursos sócio-históricos, que passam a viver em um terceiro local, geograficamente falando, e que precisam (con)viver e articular-se para o alcance de metas e anseios comuns, essa mestiçagem e hibridização torna-se mais

problemática ainda. Afirmo isso porque tais imigrantes terão que enfrentar e lidar não apenas com seus medos, anseios e angústias, mas também com a adaptação e a busca de aceitação na sociedade que os acolhe(u) e que, para piorar a situação, possui uma cultura que lhes é estranha, que é do outro — do *álder*.

Entretanto, o acima não deve permanecer sempre como tal, inalterável. Tal processo de aculturação de minorias sociais deve ser interrompido como alerta filósofo Mauricio Langón:

Na América Latina, a coabitação das culturas originárias da África, da Europa e do próprio continente americano, antes da colonização, alimenta o debate sobre a questão: como conciliar a universalidade e a diversidade cultural? [...], o choque de culturas significa a extinção, a morte, o genocídio e é por essa razão que reafirmar o sentido próprio [de suas culturas] requer encontrar um sentido na diversidade, condição mesmo de sua existência. A integração implicaria na desintegração e a morte de sua cultura (LANGÓN, 1995, p. xxi).

Portanto, as teias de relações sociais que se formam neste (novo)cenário devem contemplar o caráter multicultural implicado e contribuir para a “cidadania ativa, crítica e protagonista, [que permita ao imigrante] agir e trabalhar colaborativa e democraticamente, validando a heterogeneidade e o desempenho de [diferentes] papéis [em diferentes] dimensões sociais” (ROCHA, 2012, p.104).

Ou, em outras palavras, deve-se permitir e possibilitar ao imigrante a construção de novos significados e o desenvolvimento de uma consciência cultural crítica e capaz de identificar e combater estereótipos, em quaisquer formas e níveis, e promover a tolerância do outro sob uma ótica mais abrangente e destotalizante sobre as diferentes culturas e língua(gens) (MAHER, 2007b).

Ainda mais, a construção social interativa e coletiva mencionada acima deve ultrapassar a “simples coexistência da diversidade e dar lugar a um modelo de convivência democrática e viabilizadora (...) de tratamento equitativo das diferenças entre os vários grupos culturais e dos seus modos de inter-relacionamento” (GROSSO, et al., 2009, p.10). Deste modo, o imigrante poderá agir como ator social plenamente capaz de gerir seu próprio rumo de modo singular, crítico e reflexivo (CANAGARAJAH, 2007).

Em síntese, o acima elencado deve ser considerado com rigor e seriedade, pois ao lidar com os imigrantes hispano-americanos estamos lidando, acima de tudo, com cultura(s) e “a cultura não é [para ser] só pensada, mas também vivida, [para que] as significações [sejam] continuamente avaliadas e transformadas pela ação humana” (MAHER, 2007a, p. 89) o que, em última instância, tornará esse processo social, cultural e historicamente gratificante e enriquecedor para todos.



### 3. Identidade

“**Identidade** é o centro essencial de quem somos como indivíduos,  
a experiência consciente do self interno”

— Gershen Kaufman<sup>7</sup>

Jacquemet (2005) aborda a questão da des/re-territorialização dos imigrantes e os conceitos de transidioma quais práticas comunicativas em contextos multilíngues. Para o autor, a diversidade linguística neste mundo móvel e globalizado vive os mitos de Babel e Pentecostes, parafraseando Roland Barthes na sua aula inaugural no Collège de France em 7 de January de 1977. Ademais, ao tratar dos mitos acima mencionados e como esses se relacionam com a(s) identidade(s) dos envolvidos nesse processo de mobilidade, ele diz que:

most contemporary linguistic studies are still under the influence of the Babel myth: of the ideological desire to maintain a linguistic boundaries, allocate people to their respective territories, connect languages with the emergence of the sense of national identity (JACQUEMET, 2005, p. 273).

Convergindo com a citação acima, Hall (2015) concebe a noção de identidade em, pelo menos, três divisões do sujeito: o do Iluminismo, o do coletivo e social, e o do pós-moderno. A concepção do sujeito coletivo e social que neste mundo crescentemente complexo é marcado pela relação dialética entre o interior cartesiano e o exterior social e interativo cose o sujeito à estrutura em que se insere.

No caso dos imigrantes hispano-americanos no Brasil, que se encontram em desvantagem social, conjecturo que a noção de identidade nacional se perde e lhes é imposta a de sua nação adotiva, não sendo esta nova identidade construída em um processo que não cause o detrimento da materna. Noto que ocorre um processo diferente com outros grupos de imigrantes mais privilegiados que se organizam em comunidades e instituições bilíngues próprias a fim de preservar sua cultura, sua língua, sua identidade una.

Posso citar como exemplo os gaúchos pelo Brasil afora que se organizam em torno a seus Centros de Tradições Gaúchas para preservar suas tradições, os coreanos e os judeus no bairro Bom Retiro em São Paulo que falam apenas em sua língua materna usando o português brasileiro apenas em situações de caráter comercial. Esses também preservam suas raízes culturais entre suas gerações através de suas próprias instituições bilíngues, suas festividades, práticas religiosas, etc.

---

<sup>7</sup> **Shame:** the power of caring. Cambridge, MA: Schenkman Books, Inc. 1980, p. 68.

Arrematando, Hall (2015) ressalta que tais identidades são formadas e transformadas continuamente nas formas pelas quais são representadas ou interpeladas nos sistemas culturais que as rodeiam. No caso dos imigrantes hispano-americanos tal processo não é sem dor, pois se encontram em um turbilhão identitário que os confunde, os desilude e os invisibiliza socialmente.

Ampliando o conceito de identidade do sujeito pós-moderno, Woodward (2000) aborda a questão do efeito da globalização e das migrações que resultam numa convergência de culturas e estilos de vida e, desse modo, produz identidades plurais, instáveis, fragmentadas e, por vezes, contraditórias. Quanto aos efeitos, a autora relata que:

A migração tem impactos tanto sobre o país de origem quanto sobre o país de destino. Por exemplo, como resultado do processo de imigração, muitas cidades européias apresentam exemplos de comunidades e culturas diversificadas. Existem, na Grã-Bretanha, muitos desses exemplos, incluindo comunidades asiáticas em Bradford e Leicester, e partes de Londres, tais como Brixton, ou em St. Paul's, em Bristol. [...] as desigualdades que marcam os processos de migração se dão em termos de desenvolvimento, em que o fator de 'expulsão' dos países pobres é mais forte do que o fator de 'atração' das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas (WOODWARD, 2000, p. 21).

Conforme aponta a citação acima, abordar questões de identidade implica reconhecer os enormes impactos para os envolvidos na diáspora internacional que ora se configura no mundo e relacioná-la com uma meta clara de transformação, embora não seja esta uma tarefa fácil. Na concepção racionalista cartesiana, a pessoa detinha uma identidade única, imutável e inalterável, ou seja, ou era ou não era, ou zero ou um — totalmente binária e polarizada.

Na contramão dessa postura, ecoo o pensamento de Zygmunt Bauman (1999) quando este alerta para o perigo da busca pela ordem como marca da modernidade, ou seja, para a preocupação pela classificação, pelo enquadramento, pela certeza, pela normatização, pelo fim da ambivalência. Foucault (2001) também converge com Bauman nesse sentido, pois, em sua perspectiva, essa concepção servirá apenas para contribuir para a adoção de práticas sociais pautadas pela disciplinarização. Coaduno com os pensadores mencionados quando analiso a situação dos imigrantes hispano-americanos que têm sua identidade neutralizada e são invisibilizados na comunidade, pois esta atua de forma a alocá-los nessa ordem binária e normatizada socialmente.

Derrida (1991b) apresenta o conceito de *différance* que diz respeito à força que diferencia elementos um do outro, abrigando oposições binárias, hierárquicas e relações de poder. Nesse jogo, na *différance*, as identidades são construídas por ações de poder e exclusão. Na perspectiva da diversidade e da diferença, a posição socialmente aceita seria a

do respeito e da tolerância para com as mesmas, como alerta Kathryn Woodward (2000, p. 28): “a celebração da diferença pode levar a ignorar a natureza estrutural da opressão”. Foucault acrescenta ainda que “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, só existe em ação [...] é, acima de tudo, uma relação de força” (FOUCAULT, 2016, p. 175). E, no caso dos imigrantes hispano-americanos, essa relação de força é implacavelmente desigual dadas as condições materiais e imateriais em que se processa.

Pensar em identidade implica, ademais, entender a noção de subjetividade (HALL, 2015), dado que a (des)construção de identidades se realiza de forma dialógica, algumas vezes, e dialética, em muitas outras. E, nesse *continuum*, situado hierárquica, geográfica e sociohistoricamente, é que ocorre a inclusão/exclusão dos atores envolvidos. Tal movimento é subjetivo, pois envolve pessoas em um espaço simbólico em que são (des)constituídas na diferença, ou seja, aquele que reivindica uma postura identitária é porque sofreu, de certa forma, algum tipo de atentado contra sua identidade primeira.

O entendimento acima é corroborado, pois noto que muitas vezes os imigrantes hispano-americanos são impedidos de participação e interação social, na acepção vygotskyana; são excluídos e têm sua identidade desconstruída e turvada pela língua(gem), no entorno social em que se inserem. Neste sentido, meu interesse de pesquisa assume um tom de denúncia contra as injustiças a que são submetidos os imigrantes em pauta.

### **Por fim,**

“Não basta saber, é preciso também aplicar. Não basta querer, é preciso também agir”.  
— Johann Goethe<sup>8</sup>

Observar, pesquisar e analisar o processo (i)migratório pode ser uma alternativa para conhecer e compreender as transformações estruturais da população local e dos que chegam neste espaço geográfico partilhado. Tais transformações redundam em implicações históricas, sociais, educacionais, culturais, políticas, econômicas, etc. Para um melhor entendimento das mesmas, assevero que as relações estabelecidas pelas sociedades envolvidas, a mobilidade populacional e as implicações em sua territorialidade, o caráter político, o cenário comercial das nações emergentes, centrais e periféricas, as questões de ordem social, cultural e educacional devem ser estudadas com cautela e seriedade. Assim, serão atenuadas as desigualdades produzidas pela sociedade moderna.

---

<sup>8</sup> Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister. São Paulo: Editora 34, 2006.

Arremato esse texto destacando que minha expectativa qual cientista social popperiano e “*pesquis-a-dor* de vidas e dores alheias” (POPPER, 1979; 2003; SÁ, 2017, p. 64) é possibilitar aos imigrantes hispano-americanos, meu interesse de pesquisa atual, a participação em um processo de interação social e de construção de discursos e significados identificacionais a partir de um enfoque linguístico, culturalmente crítico e pluralista. Desse modo, entendo que ocorrerá, de fato, a inclusão social plena dos imigrantes na sociedade local e, assim, ações afirmativas e propositivas, em benefício de dos mesmos, poderão ser engendradas no futuro próximo.

### Referências

- ADAMS, J. T. **The Epic of America**. New York: Blue Ribbon Books, 1931.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza**. 25th Anniversary. Fourth Edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- AURÉLIO. **Dicionário Eletrônico**. Versão 2.2.1 (156). Apple Inc., © 2005-2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BLOMMAERT, J. Language Policy and National Identity. In: RICENTO, T. (ed.) **An Introduction to Language Policy: Theory and Method**. Malden, MA: Blackwell, 2006, p. 238-254.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas: O Que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Edusp, 1998.
- CALVET, L-J. Bourdieu et la langue. **Sciences Humaines**, Numéro Spécial, p. 58-61, 2002.
- CANAGARAJAH, A.S. The Ecology of Global English. **International Multilingual Research Journal**, v. 1/2, 2007, pp. 89-100.
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 1991b.
- DEWEY, J. **Essays in Experimental Logic**. Ed. Hester, Micah and Talisse, Robert. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2007.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2016.

GARCIA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

GROSSO, M. J. et al. (Eds.) **O Português para Falantes de Outras Línguas: o Utilizador Independente no País de Acolhimento**. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P., 2009.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JAFFE, A. Multilingual Citizenship and Minority Languages. In: Martin-Jones, M.; Blackledge, A. Creese, A. (eds.) **The Routledge Handbook of Multilingualism**. London: Routledge, 2012, pp. 83-99.

JACQUEMET, M. Transidiomatic Practices: Language and Power in the Age of Globalization. **Language & Communication**, Volume 25, Issue 3, July 2005, pp. 257-277.

MAHER, T. Do Casulo ao Movimento: A Suspensão das Certezas na Educação Bilíngue e Intercultural. In: CAVALCANTI, M. BORTONI-RICARDO, S.M. (Orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, pp. 67-94.

\_\_\_\_\_. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A.B.; CAVALCANTI, M. (Orgs.) **Volume Comemorativo do Jubileu de Prata do DLA/UNICAMP**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007b, pp. 255-270.

PILLER, I. Multilingualism and Social Exclusion. In: Marilyn Martin-Jones, Adrian Blackledge, and Angela Creese (Eds.) **The Routledge Handbook of Multilingualism**. New York: Routledge, 2012, pp. 281-296.

POPPER, K. R. A Ciência Normal e seus Perigos. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Orgs.). **A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979, pp. 63-71.

\_\_\_\_\_. **Conjecturas e Refutações:** Desenvolvimento do Conhecimento Científico. Coimbra: Almedina, 2003.

ROCHA, C.H. **Reflexões e Propostas sobre Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I:** Plurilinguismo, Multiletramentos e Transculturalidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ROJO, R.H.R. Fazer Linguística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento. In: MOITA-LOPES, L.P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SÁ, R.L. Imigração Hispanoamericana em São Paulo, (Des)construção Identitária e Inclusão dos (In)visíveis: um Olhar da Linguística Sistêmico-Funcional. In: **III Workshop Systemic Across Languages.** Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. **A Imigração Boliviana em Mares Paulistanos Dantes Navegados:** Inclusão dos (In)visíveis e (Des)construção Identitária. 186 f. Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

\_\_\_\_\_. Imigrantes Hispano-Americanos, (Inter)culturalidade Crítica e Língua Portuguesa. **Revista Estudos Acadêmicos de Letras.** Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura da Universidade do Estado de Mato Grosso. v. 10, nº 01, Julho, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença:** A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.